

## CLARICE, OLHO-DE-GATO

CLAIRE VARIN  
Université de Montréal

"o mundo é extremamente recíproco."  
Clarice Lispector

Clarice Lispector. Nascida numa aldeia da Ucrânia num dia de frio intenso em 1920. Falecida no Rio num dia de calor extremo...

1944, data de publicação de *Perto do Coração Selvagem*, inicia oficialmente uma longa história de amor(e ódio) com a escritura. Sua produção literária, que se estende ao longo de 33 anos, é suspendida na manhã da sua morte enquanto ela ainda dita para a sua secretária. A fim de ler melhor Clarice, deixei o inverno de Quebec num dia de frio intenso e cheguei no verão do Rio num dia de Janeiro de 1983... Morei um ano e meio no Brasil para compreender a fascinação que os seus textos exerciam sobre mim e tantas outras pessoas aqui e na dezena de países que têm atualmente acesso a sua obra traduzida.

Para sobreviver nessa terra desconhecida, coração selvagem de Clarice, fiz a toda a hora tradução simultânea. Percorri o espaço entre os seus textos, o silêncio ruidoso do Brasil. Subsisti entre a América do Norte e a América do Sul, à beira dos mundo novos. Em perigo de esquizofrenia, oscilei entre a perda, ao por de lado um eu primeiro, e a aquisição duma outra individualidade, ser nascendo numa língua não-materna, embalado por um ritmo diferente. Se é verdade que falar muitas línguas é como ter muitas almas, eu era(e sou) também brasileira. E, brasileira, andei correndo riscos, na *via crucis* da identificação inevitável. Confusão preliminar, fusão com a autora, fortificada pela leitura dos textos na língua original (conheci Clarice por intermédio das traduções francesas felizmente e infelizmente... porque a tradução dos seus livros é um assunto um pouco doloroso: ela é *afrancesada* demais, explicada demais, esclarecida demais, enfeitada demais na maioria das versões que saem na França).

Clarice-chama confirmou-me a legitimidade dessa ensolação na luz quentíssima do Rio:

"O personagem leitor é um personagem curioso, estranho. Ao mesmo tempo que inteiramente individual e com reações próprias, é tão terrivelmente ligado ao escritor que na verdade ele, o leitor, é o escritor."<sup>1</sup>

Uma vez estabelecida essa correlação, como se recebe *A Paixão segundo G.H.* por exemplo, o mais intolerável romance da Clarice, o mais ameaçador na sua estranheza? A autora declarou ter perdido o controle do seu personagem; foi quando ela percebeu que G.H. ia ter que comer as entranhas da barata esmagada na

porta do armário. Ou fechamos o livro ou seguimos passo a passo G.H. na sua despersonalização que a conduz aos abismos do inconsciente, em direção ao núcleo, à substância viva não-organizada, o neutro nada, raiz dos opostos. Entramos com ela na vida pré-humana queimadora. Provamos a matéria branca do inseto. Caimos sob o feitiço.

Parece-me então impensável falar cerebralmente dos textos da Clarice quando ela deseja antes de tudo a receptividade. A reciprocidade por ela postulada entre o leitor e o autor obriga-nos a abandonar o raciocínio que é, segundo ela (ou a Angela de **Um Sopro de Vida**), um anestésico; a privilegiar a intuição e adotar até um método de conhecimento telepático da sua obra. Para lê-la, temos que unir-nos a ela. Comunhão de sensações, como sugere a Clarice numa entrevista dada, dez meses antes de falecer, à T.V. Cultura.

“Por exemplo, o meu livro **A Paixão segundo G.H.** Um professor de português do Pedro Segundo veio lá em casa e disse que leu quatro vezes o livro e não sabe do que se trata. No dia seguinte, uma jovem de dezessete anos, universitária, disse que este livro é o livro de cabeça dela. Quer dizer, não dá pra entender.[...] Ou toca ou não toca. Ou quer dizer, suponho que me entender não é questão de inteligência e sim de sentir, de... de entrar em contato. Tanto que o professor de português e de literatura que era, devia ser o mais apto a me entender, não me entendia e a moça de dezessete anos lia e relia o livro. Parece que eu ganho na releitura, né, o que é um... um alívio.”

Tornar-se o médium através do qual a Clarice se incorpora. Assim como ela pegou uma “entoação inteiramente americana nas inflexões da voz” quando traduziu os diálogos duma peça de teatro de Lillian Hellman.<sup>2</sup> “A insuficiência da inteligência” para atingir os textos da Clarice sem desertá-los. E mais: ela mesma se negava a “encarar a literatura de fora para dentro, isto é, como abstração”.<sup>3</sup> Ela odiava os debates intelectuais sobre literatura e qualquer crítica formalista, puramente estruturalista ou lingüística.

Viver o encanto essencial à captação duma obra-murmúrio de visões, arrepios suaves brotados do dom da Clarice para perceber a irradiação dos objetos, da substância:

“A aura é a seiva da coisa. Emanações fluídicas me cegam ofuscantes a visão. [...] A aura da coisa vem do avesso da coisa. [...]. Eu tenho telepatia com a coisa. Nossas auras se entrecruzam. A coisa é pelo avesso e contramão. [...] O espírito da coisa é a aura que rodeia as formas de seu corpo. É um halo. É um hálito. É um respirar. É uma manifestação. E o movimento liberto da coisa.”

Quem o diz, é Ângela. É a Clarice n’**Um Sopro de Vida** póstumo. Mágica ou poética? Depende do ponto de vista. O certo: Clarice vê o que não sabemos mais olhar. Com olhar de águia. E dói. Leiam o fragmento duma carta de Rubem Braga (na época, editor), enviada a Clarice depois de ter devorado seus contos (os de **Laços de Família**):

“[...] você não imagina como gostei; saio meio crispado da leitura. É engraçado como tendo um jeito tão diferente de sentir as coisas (você pega mil ondas que eu não capto, eu me sinto como rádio vagabundo, de galena, só pegando a estação da esquina e você de radar, televisão, ondas curtas) é engraçado como você me atinge e me enriquece ao mesmo tempo que faz um certo mal, me faz sentir menos sólido e seguro.[...]”<sup>4</sup>

Maga e poeta, sem nunca ter publicado livro de poesia, Clarice aconselha a uma criança, em estilo de conto de fada, a escritura em prosa:

“Era uma vez uma menina suave, leve e linda e que tinha voz de pena de pássaro.[...]

Mas veio a fada e avisou-lhe: se você quiser ser escritora, procura escrever em prosa, até mesmo prosa poética, porque ninguém edita comercialmente livro de poesia. [...]”<sup>5</sup>

Além do fator econômico, o que acontece com uma mulher poeta, no Brasil dos anos quarenta, época das primeiras publicações da Clarice? Uma possível resposta se esconde num dos contos que ela escreveu quando tinha vinte anos. Uma mulher espera um homem num bar, com ansiedade, e pensa:

[...]quando o professor de francês lhe dissera: “Você sereiz ainda um bon poète!”. [...] Pois se Cristiano não vier, quem dirá a toda essa gente que eu existo? E se eu, de repente, gritar pelo garçon, pedir papel e tinta e disser: meus senhores, vou escrever uma poesia! [...] Flora pediria papel e escreveria:

“Árvores silenciosas  
perdidas na estrada.  
Refúgio manso  
de frescura e sombra.”

[...]Refúgio manso de frescura e sombra. “Meus senhores, agora justamente que eu tinha tanto para dizer, não sei me exprimir. Sou uma mulher grave e séria, meus senhores. Poderia ser um bom poeta.”<sup>6</sup>

Alguns homens ouviram o clamor de Flora. Ao longe: o poeta italiano Giuseppe Ungaretti confia a Rubem Braga que a prosa de Clarice fez “aumentar seu respeito pela língua portuguesa, graças à sua intensidade poética, à sua invenção”. No Rio, Manuel Bandeira assegura à própria Clarice que ela é poeta:

“[...] Sabe que vou dar em livro [...] a minha antologia dos poetas bissextos? [...] Se tivesse comigo aqueles poemas seus que você me mostrou um dia, incluiria você também. Ficará para uma segunda edição. Quer me mandar algumas coisas? Você é poeta, Clarice querida. Até hoje tenho remorso do que disse a respeito dos versos que você me mostrou. Você interpretou mal as minhas palavras. Você tem peixinhos nos olhos: você é bissexta: faça versos, Clarice, e se lembre de mim.

Sua carta de julho me deu uma grande alegria. Você nunca é falante, barulhenta. O que você escreve nunca dói nem fere os ouvidos. Você sabe escrever baixo. [...]”<sup>7</sup>

Qual foi o comentário de Manuel Bandeira sobre os versos da Clarice? Quando, trinta anos depois, Affonso Romano de Sant’Anna pergunta para ela se já escreveu poesia, ela responde primeiro: “Não, não. Nunca.”, antes de acrescentar com uma certa desenvoltura “Eu andei escrevinhando umas coisas mas jogava fora, dizia que não prestava”.<sup>8</sup>

Podemos imaginar que, reprimindo um desejo de poesia, ela acha um dia uma forma de compreensão nessa inglesa a quem a crítica sempre tentou identificá-la:

“ “Quem”, diz Virginia Woolf, “poderá calcular o calor e a violência de um coração de poeta quando preso no corpo de uma mulher?” ”<sup>9</sup>

Clarice, com um coração de poeta, tece pulsações. Se a escritura de fragmentos, como vislumbres de instantes, se inscreve num vasto movimento ficcional contemporâneo, ela é também para Clarice uma maneira de viver. Um método de escrever ao qual ela permanece fiel até o fim: de **Perto do Coração Selvagem**, os primeiros fragmentos **organizados** em romance, a **Um Sopro de Vida**, os últimos **organizados** em ficção (pela secretária dela), frases-clímax irradiam, brilhos luminiscentes cada vez mais claros. Revelações poéticas que a Clarice, exploradora do sonho acordado hesita em chamar poesia?:

“Tem um lugar que eu vou quando quero pensar bem ou dormir ou ver. Se ele fosse + perto, eu diria que ficava no canto esquerdo da minha cabeça. Mas ele é tão mais longe, e muito depois de onde eu acabo. O pior é que sou eu ainda. Sei que se torna à esquerda e que é escuro e que se desiste de levar consigo qualquer coisa ou alguém. Parece um lugar de dormir, fica entre céu e terra mas céu e terra tão próximos e apertados que não há lugar deitado. É lá que se sonha. Mas não sonho de poesia nem sonhos de impossíveis nem sonhos de desejos não realizados - sonhos que são o modo mais profundo de olhar. [...]”

Ela risca a palavra **poesia** desse fragmento dum caderno seu de notas inéditas (fonte, Olga Borelli). É porém nesse campo da realidade sonhada, que ela se aventura; nesse poço fundo de figuras, nesse reino chamado imaginação ou espírito, que ela pesca “através do sentir-pensar que na verdade é sonho”.

Em vez de poemas, palavras inspiradas, frases soltas. Seguindo os sopros de sua vida, ela anota a qualquer hora fragmentos em envelopes vazios, pedaços de cartão, talões de cheque, guardanapos, cartões de convite. Ou ela pouisa os lábios pintados numa folha de papel... Será este o seu modo de ser poeta numa terra onde a poesia se vende mal, menos em canção, ainda mais quando o poeta tem nome de mulher.

Vertigem. Como abordar a obra diversificada dessa mulher **ávida de mistério**, santa para alguns, bruxa para outros? Num encontro no Rio, seis anos depois da morte da Clarice, um amigo dela, o cronista Otto Lara Resende, me avisa entre brincalhão e sério: “Tem que tomar cuidado, a Clarice não é literatura, é bruxa-



ria”...

Em **Água Viva**, ficção que consagra a escritura do fragmento, recebemos a advertência seguinte:

“Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me paga mais.”

Então, não a catalogar, nem examinar em relação aos gêneros as vinte e cinco publicações dela. Não associá-la a um grupo literário qualquer, mesmo se ela contou que num almoço na Embaixada da França no Rio, o escritor francês Alain Robbe-Grillet lhe confiava: “Alors vous êtes des nôtres.”. Ela declarou numa entrevista (cf. **Brasileiras**, Ed. des femmes, Paris 1977), não ter feito o romance novo por causa do Nouveau Roman -aliás ela tinha começado antes- mas porque as coisas estão no ar... Melhor não compará-la também a alguns escritores europeus (a crítica brasileira sempre quis aproximá-la não só de Woolf como de Joyce ou Katherine Mansfield), pois ela odiava as comparações, os rótulos. Claro que é uma tentação conter a sua singularidade buscando as influências, as afinidades. Claro que ela confunde. Ela é metaforicamente, sintaticamente, semanticamente estranha. Estrangeira. Sua figuras, por exemplo, tão perturbadoras. Como menina vertical de gato no olho dum ser humano. As suas metáforas olhos-de-gato, pedras preciosas à semelhança de verdes pupilas felinas no corpo duma lauda branca.

Ela desnorteia. Pois ela viaja muito. Entre o lado da vida e o da morte. Dá para entender o que ela já atravessou quando sussurra assim:

“Viver é uma espécie de loucura que a morte faz.

Vivem os mortos porque neles vivemos. [...]

A sombra de minha alma é o corpo. O corpo é a sombra de minha alma. Este livro é a sombra de mim.”

(Um Sopro de Vida)

Ela revela o avesso das coisas: “mas o que é uma janela senão “o ar emoldurado por esquadrias?” (**Água Viva**). Isso é subversão (a verdadeira). Nem vamos falar agora em literatura engajada, pois toda a pessoa que escreve já o é. Ainda mais Clarice (apesar do que podem pensar certos críticos).

Essa reciprocidade entre os mundos (assim como entre o leitor e o escritor) reproduz as viagens de Clarice entre os sentidos e as línguas.

Entre os sentidos. Rebentando as categorias sensoriais, Clarice, usando a sinestesia, tenta **fotografar o perfume** ou ouve o **assobio** duma flor no escuro (**Água Viva**). Ângela, o seu derradeiro personagem feminino informa-nos sobre esse sincretismo dos sentidos:

“Um dos modos de viver mais é o de usar os sentidos num campo que não é propriamente o deles. Por exemplo: eu vejo uma mesa de mármore que é naturalmente para ser vista. Mas eu passo a mão o mais sutilmente possível pela forma da mesa, sinto-lhe o frio, imagino-lhe um cheiro de “coisa” que o mármore deve ter, cheiro que para nós ultrapassa a barreira do faro e nós não conseguimos senti-lo pelo olfato, só podemos imaginá-lo.”

Entre as línguas. A Clarice sempre viveu situações de bilingüismo. Na infância, ela ouvia em casa o yiddish falado pelo seus pais e fora de casa o português

do Brasil, terra de adoção da família Lispector. Clarice que ocultou completamente suas origens judaicas, afirma num dos seus último fragmentos manuscritos:

“Eu toco piano de ouvido, nunca estudei. Alias eu vivo “de ouvido”, vivo de ter ouvido falar.”

Voz de mãe judia?:

“Sou o resultado de ter ouvido uma voz quente no passado e de ter descido do trem quase antes dele parar [...]”<sup>10</sup>

Voz quente de mãe estrangeira que morreu quando Clarice completou nove anos. Voz perdida. Eternamente viva. Em Clarice adulta, essa dualidade foi alimentada pela aprendizagem das línguas francesa e inglesa em particular, aperfeiçoadas durante os quinze anos que passou fora do país; também pelas suas atividades de tradutora, exercidas até sua morte. Se Clarice julga ter “o olho duma estrangeira que não fala a língua do país” e se Ângela confessa ser “como estrangeiro em qualquer parte do mundo”, sempre se ouve nos textos da autora um estranho **sotaque**. A sintaxe de Clarice traduz sub-repticiamente uma mistura de línguas e a tensão duma pessoa que mora na fronteira.

Se o seu contato permanente com outras línguas na origem duma identidade múltipla, se manifesta clandestinamente na aspereza de sua frase, na originalidade das metáforas, o dilaceramento do intervalo se sente também na sua língua falada. Ela dizia ter um defeito de pronúncia que chamava de “língua presa” mas na verdade podia ser o sotaque dos judeus quando falam português: um modo oculto de ficar com um pouco do corpo da sua mãe (que era parálitica)... Além disso, ela tinha uma dificuldade real de expressão no domínio da fala. Ouvia-se sua resistência a falar, seus silêncios (cf. entrevistas dadas ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro e a T.V. Cultura, em 1976 e 1977). É essencialmente na escrita que ela consentia falar. A escritura terá sido o verdadeiro lugar onde viver. De onde falar:

“Escrevo-te este fac-símile de livro, o livro de quem não sabe escrever; mas é que no domínio mais leve da fala quase não sei falar. Sobretudo falar-te por escrito, eu que me habituei a que fosse a audiência, embora distraída, de minha voz.”

(Água Viva)

Clarice sempre tinha a impressão de ter falado demais. “Tua língua viperina será cortada pela tesoura da complacência” anota a **escritora falida** do texto “Onde estivestes de noite?”. Se, segundo Clarice, o papel do escritor brasileiro hoje em dia é o “de falar o menos possível”, ela cumpriu a missão. Ela fala pouco. Mas... Mas o que ela escreve é um “isto”. **Não vai parar: continua.**

## NOTAS

1. Cf. **A Descoberta do Mundo**, crônica do 24 de fevereiro de 1968.

2. Cf. “Traduzindo procurando não trair”, crônica publicada na revista **Jóia**, nº 177, maio 1968.

3. Cf. "Literatura de vanguarda no Brasil" in **Movimentos Literarios de Vanguardia en Ibero-América**, memoria del 11º Congreso, Instituto Internacional de Literatura Ibero-americana, Universidade do Texas, México 1965, pp.109-116.
4. Carta do 4 de março de 1957 (Rio). Fonte: Archivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa.
5. Carta de Clarice a Andrea Azulay. Fonte: Olga Borelli.
6. "Trecho", **Vamos Ler**, Rio, 09-01-1941.
7. Carta do 23 de novembro de 1945. Fonte: Archivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa.
8. Cf. entrevista dada por Clarice ao Museu da Imagem e do Som do Rio/ 20-10-1976.
9. "A irmã de Shakespeare", texto publicado na revista **Comício** em 1952, sob o pseudônimo de Terese Quadros.
10. Extraído dum dos últimos fragmentos manuscritos de Clarice.